



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 5 • nº 12 • 27/04 a 03/05/08 • ISSN1809-6182

Resenhas

17/04/2008 - O novo governo de coalizão no Quênia p.01

Após um impasse político ocorrido em dezembro de 2007 no Quênia, um novo governo de coalizão, composto por situação e oposição, é formado no país.

28/04/2008 - Relatório da ONU sobre mortes em Darfur p.04

O conflito em Darfur, iniciado em 2003, com o ataque de rebeldes a alvos do governo já pode ter gerado mais de 300.000 mortes

O novo governo de coalizão no Quênia

Resenha
Segurança
Ana Caroline Medeiros Maia
17 de abril de 2008

Após um impasse político ocorrido em dezembro de 2007 no Quênia, um novo governo de coalizão, composto por situação e oposição, é formado no país.

Pela primeira vez na história do Quênia houve a formação de um governo de coalizão. Tal reforma foi decorrente de um impasse político que surgiu no país desde as últimas eleições gerais, em dezembro de 2007. Entretanto, em março deste ano, houve uma reforma constitucional, aprovada pelo Parlamento queniano, que estipulava a formação de um governo composto por dois partidos locais, a saber, o Partido de União Nacional (PNU, sigla em inglês) e o Movimento Democrático Laranja (ODM, sigla em inglês).

O Quênia é um país situado no Leste da África, com população de aproximadamente 38 milhões de habitantes. A atual crise política no país é considerada uma das piores, desde sua independência do Reino Unido, em 1963.

O PNU é o partido do atual Presidente do país, Mwai Kibaki, que foi eleito em 2002 por meio de um processo eleitoral considerado justo e livre pela sociedade internacional. Essas eleições retiraram do poder o Partido União Nacional Africana do Quênia (KANU, sigla em inglês), que se mantinha no governo desde 1963. Entre 1969 e 1982, o KANU impediu a existência de outros Partidos no país, havendo um unipartidarismo.

Somente em 1991, devido a pressões internacionais, foi que o KANU permitiu a existência de outros partidos no país. Nas eleições de 1992 e de 1997, a oposição, formada por diversos grupos étnicos

distintos, tentou vencer o partido, mas seus esforços não foram suficientes. Em eleições marcadas por violências e fraude, o KANU venceu ambos os pleitos.

Nas eleições de 2002, por sua vez, Kibaki formou uma aliança com Raila Odinga, líder do ODM, visando retirar esse monopólio de poder do KANU. A oposição foi vitoriosa, em um processo eleitoral elogiado pelos observadores internacionais. Ainda, o candidato do então partido do governo aceitou facilmente a derrota, e o fim de um governo que durou quase 40 anos ocorreu de forma pacífica.

Entretanto, a aliança formada pela oposição durou apenas três anos, pois o presidente eleito não deu o cargo de Primeiro-Ministro para Odinga. Foi assim que a disputa entre esses dois Partidos teve início. As divergências, que inicialmente tinham um caráter político, assumiram um caráter étnico, o que aumentou as diferenças entre ambos. Isso porque, é comum no país, em época de eleições, que as diferenças étnicas se tornem cada vez mais visíveis, e isso decorre da existência de conflitos tribais¹.

¹ Os conflitos tribais são um problema que atingem não apenas o Quênia, mas a África como um todo. Tal fato se deve à própria história da colonização africana, cujos povos tiveram suas diferenças étnicas e religiosas desconsideradas pelos europeus. Dessa forma, povos com cultura totalmente distinta eram forçados a viver em um mesmo território. Entretanto, os conflitos potenciais eram suprimidos pelos europeus.

Nas eleições de 2007, ocorreram diversos conflitos entre grupos rivais, principalmente entre a tribo Kikuyu, a maior do país e a qual pertence o atual presidente, e a tribo Luo, sendo um de seus membros Odinga. Esses conflitos provocaram algumas mortes antes das eleições.

As eleições de dezembro de 2007, cujos principais candidatos eram Kibaki e Odinga, resultaram em um impasse político dentro do Quênia. Isso porque as pesquisas eleitorais apontavam o candidato da oposição, Odinga, como o favorito, com 10% a mais de intenções de votos que o outro candidato. No entanto, o vencedor das eleições foi Kibaki, o que fez com que o ODM questionasse os resultados e acusasse o governo de tê-los fraudado. Ainda, os membros do partido se recusaram a reconhecer Kibaki como presidente.

Diante da situação, um conflito de grandes proporções aconteceu no Quênia, pois os grupos contrários travaram inúmeras batalhas, que ocasionaram a morte de 1.500 pessoas e o deslocamento² de mais de 400 mil, segundo fontes do próprio governo queniano.

Somente em fevereiro de 2008 foi tomado o primeiro passo para um acordo, quando as duas partes iniciaram o processo de negociação, por intermédio do ex-Secretário Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan. Ficou decidido, por meio de uma série de conversas bilaterais, a formação de um governo de coalizão, com a criação dos cargos de Primeiro-Ministro, que caberia a Odinga, e de dois Vice Primeiros-Ministros, um para cada partido. Entretanto, algumas questões ainda ficaram pendentes, como qual o número de ministros cada lado deveria ter.

Com o fim da colonização, as diferenças entre as tribos se tornaram cada vez mais evidentes, e disso decorrem muitos dos atuais conflitos africanos.

² Vide Glossário.

Em março, o Parlamento aprovou uma Reforma Constitucional que se referia aos pontos acordados em fevereiro. Ademais, ficou estabelecida a criação de diversas comissões governamentais, para lidar com problemas internos do Quênia, tais como os deslocados internos e os conflitos étnicos. Desse modo, faltou apenas decidir quais os nomes que seriam indicados para as pastas ministeriais.

Em abril, houve um outro acordo, dessa vez mais concreto, no qual ficou decidido que um governo de coalizão seria efetivamente instaurado, composto por 40 ministros de ambas as partes. O cargo da presidência seria ocupado por Kibaki, enquanto o Primeiro-Ministro tornou-se Odinga. Entretanto, os Ministérios de maior relevância foram ocupados pelo PNU.

Após toda a crise política que atingiu o país, a formação de um governo de coalizão deve ser vista como uma tentativa de diminuir as conseqüências negativas que os conflitos, principalmente étnicos, poderiam causar.

Ainda há questões importantes a serem tratadas, como a própria divergência cultural entre as tribos e como resolver a questão dos que foram obrigados a se deslocarem durante os conflitos. O novo governo deverá buscar novas soluções e continuar desenvolvendo sua economia, em um país que atualmente é considerado o centro econômico do leste africano, tanto pelo papel importante que possui no comércio na região, quanto por representar um centro financeiro local.

Referência

Sites

BBC News

<http://www.bbc.co.uk>

CIA

<http://www.cia.gov>

Estadão

<http://www.estadao.com.br>

Folha Online

<http://www.folha.uol.com.br>

Globo.com

<http://www.g1.globo.com>

International Crisis Group

<http://www.crisisgroup.org>



Relatório da ONU sobre mortes em Darfur

Resenha
Segurança
Marina Robspierre
28 de abril de 2008

O conflito em Darfur, iniciado em 2003, com o ataque de rebeldes a alvos do governo já pode ter gerado mais de 300.000 mortes.

Em fevereiro de 2003, devido a acusações ao governo sudanês de abandono e opressão à população, teve início, em Darfur, um conflito que atualmente pode chegar a 300 mil mortes.

No entanto, os números divulgados são contestados. O assessor do presidente sudanês, Mustafa Osman Ismail, criticou o relatório elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) que constava 300 mil mortes no conflito. O assessor alegou que não houve qualquer documentação que pudesse comprovar esses dados divulgados. De acordo com o relatório sudanês, o número de mortes fica em torno de nove mil pessoas.

Houve dúvidas se dados sobre o número de mortes em Darfur poderiam dar caráter de genocídio ao conflito. Colin Powell, que foi secretário de Estado estadunidense em 2004, anunciou recentemente que seria sim um caso de genocídio. Entretanto, depois de uma reunião no Conselho de Segurança da ONU tal acusação foi considerada "injustificada". A reunião chegou à conclusão que ocorreram crimes de guerra e violações "tão hediondas quanto genocídio", mas não chega a ser considerada como tal.

Darfur, província localizada a oeste do Sudão, vem sendo bastante devastada devido tamanha violência. O presidente do Sudão, Omar al-Bashir, assumiu a presidência depois de um golpe militar no ano de 1993. Ele é acusado pelas

comunidades tribais não árabes de privilegiar as tribos árabes da região, enriquecendo-as através de fornecimento de armas e assistência a esses árabes em distintos setores, como na economia.

As tribos não árabes, além de argumentarem que estão sendo marginalizadas pelo governo, demandam algumas necessidades como hospitais, estradas e melhoras nos serviços públicos, atribuindo a essas questões, explicação para atos rebeldes violentos.

O conflito ainda pode ser explicado por questões religiosas. Há grande divergência entre o islamismo e religiões específicas das tribos da região pela politização que é gerada nessas questões.

Em 1987, o Chade¹ era alvo de controle da Líbia, que armou milícias internas de oposição. A intensificação dos atos rebeldes, ocorrida em 2003, teve origem nos primeiros conflitos datados desse ano, no final dos anos 90. A França, em ajuda ao exército do Chade, forçou tais milícias a se locomoverem para a região de Darfur.

Devido a problemas não só de morte, mas também de desemprego e fome gerados pelos conflitos em Darfur, muitos países receberam, espontânea ou forçosamente, refugiados darfurianos.

¹ País africano localizado a leste do Sudão e caracterizado pela variedade étnica e lingüística que abriga em seu território. A religião mais praticada é o islamismo e as línguas oficiais são o francês e o árabe.

O governo de Israel, um dos países que recebeu refugiados darfurianos, declarou que irá expulsar os refugiados que segundo ele eram “desorientados” e buscavam recomeçar a vida no território israelense.

Além da violência que se instalou na região, Darfur passa por profundas secas geradas pelas mudanças climáticas. Grande parte do conflito gira em torno de disputas por recursos escassos. Assim a disputa passa a ser também por alimento e água (devido ao avanço do deserto de Saara às áreas de cultivo), aumentando cada vez mais a pobreza entre os darfurianos.

Nesse contexto, a maior preocupação atual do presidente Osman Ismail é que o número de mortes em Darfur alcance um número tão alarmante a ponto de a quantidade de habitantes chegar a ser inferior à de mortes, implicando num forte declínio demográfico na região. Isso dado ao recrutamento de crianças como soldados, violência contra as mulheres, negligência social e econômica, entre outros.

A grande dimensão do conflito levou ao grupo *Google*² a desenvolver, junto ao Museu do Holocausto de Washington, nos Estados Unidos da América (EUA), uma sessão para exibir os resultados do conflito. A iniciativa chamada de “Crise em Darfur” mostra fotos, informações de vilarejos destruídos e de campos de refugiados.

O vice-presidente de comunicação global do Google, Elliott Schrage, argumentou que essa foi uma forma de incentivar a educação e a ação para melhora da situação em Darfur.

² Fruto de um projeto criado por estudantes da Universidade de Standford, nos Estados Unidos, no final dos anos 90, o grupo *Google* hoje é a maior empresa de buscas na internet que tem o objetivo de fazer pesquisas diretas.

Apesar de tantas complicações, Darfur detém grande quantidade de petróleo, além de produzir gás natural, urânio e cobre em quantidades significativas. Tais riquezas naturais atraem investimentos externos como a exploração chinesa que pode vir a minimizar a situação crítica que a região vem passando. Com a chegada do capital externo, mesmo que de forma evasiva, há uma esperança de melhora na situação econômica e até social na região.

Enfim, é preciso que haja uma aproximação de rebeldes árabes e não árabes na região de Darfur e do Chade, para que daí se busque o início de um processo de negociação da paz entre as partes envolvidas no conflito.

Representantes dos países em questão também devem entrar numa discussão para chegarem a solução desse conflito que vem tornando mais complexo a cada dia.

O conflito na região é considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma das piores crises humanitárias do mundo dado a quantidade de mortos e desabrigados. A preocupação da organização com relação a Darfur fez com que fossem enviados soldados, que junto aos militantes da União Africana, tentam manter a paz e a ordem locais.

O Conselho de Segurança da ONU autorizou o envio de 26 mil soldados com o objetivo de manter a segurança em Darfur. Uma resolução, proposta pela França foi aprovada por unanimidade e possibilitou a utilização de operacionais militares. Os soldados ficaram em território darfuriano durante um ano e além de buscarem a manutenção da ordem na região, farão distribuição humanitária.

Além disso, a ONU pretende treinar nova unidade de forças policiais do Chade para colocar as leis e a ordem em prática nos campos de refugiados, e em outras cidades de destaque da região em que civis se encontram deslocados de seu território.

Dessa forma, se torna ainda mais ampla, através de missões das Nações Unidas, a participação de outros países, como a França, nesse conflito tão complexo e intenso que já vêm ocorrendo há um longo tempo.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Uol Notícias

<http://noticias.uol.com.br>

The Guradian

<http://www.guardian.co.uk>

Ver Também:

26-06-2006: [Crise em Darfur se estende-se ao Chade.](#)

17-05-2006: [O conflito em Darfur e as novas implicações políticas](#)

15-07-2004: [Darfur e o conflito no Sudão.](#)

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica - MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profª. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Prof. Danny Zahreddine; Profa. Liana Araújo Lopes; Prof. Rodrigo Corrêa Teixeira

Membros: Ana Caroline Maia; Celeste Cristina Badaró; Diego Paes; Eduardo Côrtes; Franceline Fukuda; Joana Laura Nogueira; Larissa Martins; Luísa Lima; Marina Robspierre.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Itaú, 525, 2º subsolo, Prédio Redentoristas - Dom Bosco - Belo Horizonte - MG - CEP 30850-035 Tel: (31)3319-4426 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>

